

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARACY CRISTINA PAVANELLO DE SOUZA**

**APRENDIZAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR**

**CAMPINAS - SP  
2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARACY CRISTINA PAVANELLO DE SOUZA**

**APRENDIZAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR**

Memorial apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – aos Municípios da Região Metropolitanas de Campinas – RMC – como um dos pré-requisitos para conclusão da Especialização em Gestão Escolar.

**CAMPINAS - SP  
2009**



## **AGRADECIMENTOS**

*Primeiramente a Deus por me conceder saúde e força para superar as barreiras, que não foram poucas.*

*A minha mãe, pois ela é quem fez meu sonho de ser professora virar realidade.*

*A meu marido Ronaldo, e aos meus filhos Ronaldo Jr. e Gabriel por terem enfrentado junto comigo este desafio e terem compreendido minhas faltas.*

*Aos meus professores/mestres a quem devo toda esta experiências adquiridas neste período de curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar.*

## Sumário

Apresentação-----	6
1. Como tudo começou-----	10
2. Escola: Desafios e Processos-----	14
2.1-Dificuldades de Aprendizagem, Fracasso Escolar e Práticas Pedagógicas-----	15
2.2-Teoria de Piaget e Vygostsky no Cotidiano Escolar-----	16
3. Afetividade e Aprendizagem na Escola-----	21
4. Indisciplina na Escola-----	25
5. A Construção do Currículo na Escola-----	28
6. Planejamento Escolar–Prevenção das Dificuldades de Aprendizagem-----	32
7. Avaliação Escolar como instrumento de Diagnóstico-----	36
8. Família e Aprendizagem-----	42
8.1 Pequenos indícios de um grande trabalho-----	47
8.2 A integração com a comunidade-----	47
8.3 Retirar as barreiras à participação-----	48
8.4 Mudar os esquemas das reuniões de Pais e Mestres-----	48
9. Considerações Finais-----	50
Referências Bibliográficas-----	54

## APRESENTAÇÃO

Convido você a enumerar agora todos os assuntos do Cotidiano da Escola, que se configuram em desafios para os educadores de um modo geral, vamos ficar horas debatendo sobre eles. Que assuntos seriam esses?

Os desafios são proporcionais à complexidade do espaço escolar, pois nossa maneira de dar aulas, o jeito de elaborarmos o nosso planejamento, a nossa avaliação, a forma de conversarmos com um aluno que cometeu uma indisciplina, dentre outras atividades, traduzem a nossa forma de ver o mundo e o mais importante, a nossa concepção de Educação.

São muitos desafios presentes no ambiente escolar, então elegemos alguns desafios contemporâneos para iniciar. São eles: O Fracasso Escolar; Afetividade e Aprendizagem; Indisciplina na Escola; O Currículo; O Planejamento e Avaliação Escolar; Família e Aprendizagem.

Durante muito tempo concebemos os problemas de aprendizagem como aqueles que tinham como pano de fundo somente componente biológico. Desprezamos os componentes afetivos, sociais e culturais que também interferem no ato de aprender. As crianças que não aprendiam eram levadas ao médico-neurologista e na maioria das vezes eram submetidas a exames neurológicos ou mesmo medicadas. É claro que uma criança pode de fato precisar de tratamentos médicos e possuir dificuldades de aprendizagem como uma consequência de alguma necessidade especial, mas certamente, não é o caso da maioria. Temos a tendência a focalizar a causa do aprender em nossos alunos, mas é necessário refletir também sobre as nossas práticas pedagógicas e todo o contexto que cerca o educando, inclusive o familiar e o escolar. Porque tantas crianças e jovens, especialmente no período da alfabetização não conseguem aprender? Ao analisar a questão, procuramos às causas no próprio aluno, às vezes atribuindo os seus resultados, a falta de interesse, a ausência de investimentos na aprendizagem e até mesmo à existência de alguma deficiência que impede a aprendizagem de transcorrer normalmente. É comum também que os problemas sejam atribuídos ao contexto familiar, às condições sociais do aluno e ainda, à privação cultural. Todos esses fatores podem representar certamente causas para o não - aprender. No entanto é preciso ter cuidado para não “responsabilizar” o aluno pelo seu

fracasso escolar, pois nem sempre o problema está localizado no próprio sujeito. Não se trata de buscar culpados para o fracasso escolar, nem de responsabilizar o professor, mas buscar alternativas que estão ao nosso alcance para solucionar o problema.

Elaborar um currículo é tarefa de toda escola e não só do professor ou do componente sociopolítico que deve interferir na elaboração do currículo. Os componentes afetivos cognitivos e biológicos também devem ser levados em conta na sua construção. É necessário que a escola fundamente o seu trabalho teoricamente e que construa um currículo adequado às condições afetivas cognitivas, pois se ele for complexo demais para determinado nível de desenvolvimento, certamente estaremos contribuindo para as dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar, mas se for aquém das possibilidades do aluno, estamos impedindo que ele se desenvolva.

O planejamento é uma das atividades mais privilegiadas do cotidiano escolar, pois ele representa um momento de reflexão sobre o que vamos ensinar, sobre os conteúdos que precisam ser fixados, revisados, ou ainda, ensinados de outra forma. Ao executarmos um planejamento, traçamos objetivos, estratégias ou procedimentos, recursos didáticos e avaliação. Em todos os níveis de planejamento podemos encontrar essa estrutura básica, pelo menos. O planejamento escolar é refletir sobre as ações pedagógicas e as interferências dessas no processo de aprendizagem do aluno. No momento de formular os objetivos, devemos ter cuidado para que esses não se resumam em apenas execução de atividades, já que esses devem promover um crescimento cognitivo de nossos alunos desenvolvendo competências e habilidades de utilização permanente nas suas vidas. O papel das estratégias de ensino é refletir sobre “qual é a melhor forma” de construir e mediar o conhecimento junto aos nossos alunos. Diversificar as estratégias é fundamental, pois dessa forma, as chances de atingir as diferenças individuais são maiores, isto é, mediar um conteúdo de varias maneiras. Ocorre a aprendizagem com mais facilidade quando sentimos prazer no ato de aprender, principalmente quando o conteúdo possui significado simbólico ou prático para o indivíduo. Nesta etapa se verifica a criatividade do professor para organizar experiências de aprendizagens significativas que envolva os educando. A experimentação é uma ótima alternativa quando os alunos praticam, pesquisam ou experimentam as chances de compreender as bases teóricas do conhecimento.

A avaliação contida no planejamento pode sugerir o final do processo de aprendizagem. A avaliação também pode significar o início do ciclo docente (planejamento, execução e avaliação), já que partimos dela para planejar a aula

seguinte. A avaliação nos dirá o que foi aprendido, o que precisa ser revisado e o que precisa ser explorado. O professor não deve prestar atenção somente no aluno e sim na aprendizagem dele. Ele não precisa necessariamente fazer uso de testes e provas. Atividades de sala de aula, como trabalhos em grupo, exercícios, projetos e a observação do professor podem dizer muito sobre a aprendizagem dos alunos. Um dos assuntos mais polêmicos da educação é a avaliação. Historicamente a avaliação tem sido usada por muitos educadores como instrumento de poder sobre o aluno, incentivando uma relação mercantilista com o saber. Ou seja, o aluno aprende a estudar para tirar o número de pontos que precisa para ser aprovado. A aprendizagem tem sentido de troca de pontos, ou melhor, a nota é o salário pago pelo tempo dedicado ao estudo. Entendemos que a forma de avaliação que o professor escolhe é uma consequência de toda a sua prática pedagógica, portanto se nas aulas há um incentivo à decoreba e a apreensão de idéias soltas, descontextualizadas, a avaliação não pode ser diferente.

Podemos oferecer oportunidades diferenciadas de avaliação e não somente utilização de testes e provas, também pode contribuir e estimular a aprendizagem. Além disso, é importante que ao formularmos essas situações de avaliação, procuremos sempre baseá-las em situações concretas, presente de fato no cotidiano. Pichon-Rivière, na Teoria do vínculo, ressalta a importância deste para aprendizagem. Todos têm exemplos em nossa história de aprendizagem de professores que com sua afetividade nos fizeram gostar de suas disciplinas e até ter facilidade de aprender por causa deles. Mas também tivemos a experiência contrária: professores que desprezavam a afetividade e dificultavam bastante o nosso aprender. Não é a toa que temos preferência por algumas disciplinas e temos aversão a outras. Uma das primeiras tarefas do educador é o resgate da auto-estima do educado, ninguém consegue aprender se não conseguir investir no ato de aprender e ninguém consegue investir na própria aprendizagem se não tiver o desejo de aprender e acreditar nas suas possibilidades. É necessário que o professor ofereça aos seus alunos oportunidades de acerto, experiências positivas, que os conduzam ao desejo de continuar aprendendo para continuar acertando. São raros os casos de alunos que recebem o fracasso escolar como um desafio a ser superado, afinal, isso exige uma maturidade que a criança não possui. Será necessário que o professor presenteie o aluno com um recurso valioso e que nada custe: o elogio. Elogiar é altamente reforçador do sucesso.

A indisciplina na escola é um dos grandes desafios de nossos tempos: construção dos limites e da ética dentro da escola, um tema tão polêmico quanto importante.

Sabemos que temos professores competentes em sua área, possuem dificuldade de desenvolver o seu trabalho em função do comportamento de seus alunos. Com base na afetividade do sujeito e na sua relação com o ato de aprender, e que, portanto, essa relação pode ser construída ou reconstruída por meio do vínculo afetivo entre professor e aluno.

No entanto a construção da ética na escola não pode ser uma atitude isolada do professor, mas projeto de toda a escola. É interessante que o professor reveja o seu procedimento, pois se analisarmos o cotidiano de nossa escola, alguns alunos com problemas de indisciplina não agem de forma inadequada com todos os professores, mas com alguns. Isso nos faz pensar que o problema pode não estar no aluno, nem no professor, mas na relação que os une, que é o conhecimento. A sociedade mudou, assim como nossos pais e alunos também mudaram. A família mudou bastante ao longo dos anos e isso nos faz pensar que a relação entre escola e a família não são as mesmas. Ouvimos muitas queixas sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, inclusive nas reuniões de pais, a frequência é baixíssima. Precisamos mudar e enxergarmos os pais como seres também em processo de aprendizagem, e por isso em alguns momentos da reunião cabem sugestões como os pais podem agir em casa para conduzir os estudos de seus filhos. Muitos pais afirmam textualmente, especialmente quando o problema é o comportamental, que não sabem o que fazer com seus filhos. Devemos acreditar nesse “não saber” e colaborar com eles oferecendo palestras, pequenos vídeos, estudos de casos, algumas atividades práticas para tornar a reunião mais produtiva e participativa. Se permitirmos que os pais de nossos alunos falem, vamos aprender com eles e descobrir talentos que podem ser úteis para a escola.

## 1. Como tudo começou...

Iniciei minha vida escolar na 1ª série com 6 anos, fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave, com a Professora Netinha, que era doce e carinhosa: O bebê baba ba - be - bi - bo - bu, A faca é afiada fa - fe - fi - fo - fu, fizeram parte da minha alfabetização, o método silábico e alfabetização tradicional.

Eu ouvia lindas histórias e as músicas nos disquinhos coloridos da professora, eu viajava, adorava os livrinhos de histórias que eu não tinha, mas outras crianças traziam para escola, lá eu brincava me divertia.

Minha professora era muito carinhosa para conosco, conversava, e mostrava que era possível aprender desde que nos dedicássemos. Estudei no Grupo Escolar Mário Bianchi até a oitava série, depois fiquei um ano na Escola Estadual Santo Antonio e depois fui para cidade de Mogi Mirim fazer o magistério, onde me tornei professora.

Recordo-me com satisfação e alegria, pois era muito importante aquela formação, pois meu sonho era ser professora. Meu sonho de ser professora começou desde pequena, meu contato com a escola se deu muito cedo, pois minha mãe (Dona Luzia) era merendeira da E.E.P.G Estação de Ressaca, que fica aqui em um bairro na cidade de Santo Antonio de Posse. Muitas vezes ela não tinha com quem me deixar então eu ficava com ela na escola até dar o horário dela sair. Então nos intervalos, eu ia até a sala de aula, pegava um giz e uma cadeira e me punha a escrever na lousa, e aquilo pra mim era algo inimaginável, era o começo de um sonho.

Eu ouvia sempre minha mãe dizer algumas histórias sobre alguns alunos, mas o aluno Ronaldo era um aluno que chorava demais na escola e por esse motivo a professora mandava sempre ele por alguns minutos na cozinha para minha mãe acalmá-lo. Minha mãe sempre trabalhou para cuidar de mim que sou a caçula, pois tenho mais 03 irmãos e minha mãe como sempre batalhando para nos sustentar. Alguns anos se passaram quando eu cheguei até a minha mãe e disse a ela que eu queria me formar professora, eu percebi que ela suou fria, se sentou e ela pensando alto se perguntou: como? Ela não me disse que seria impossível, mas batalhadora como sempre ela chegou até o seu chefe que cuidava das merendeiras, explicou o fato e ele a ajudou. A partir do dia seguinte minha mãe começou a se levantar às duas horas da madrugada a ir para o trabalho a fim de fazer cinco horas extras por dia, para que ela conseguisse pagar a

minha faculdade, como não se lembrar de minha mãe neste trabalho? Hoje sou o orgulho de minha mãe, e minha mãe é o meu maior orgulho, quando olhamos uma para outra às vezes não acreditamos que os sonhos de ambas se tornaram realidade.

O tempo passou e quase vinte anos depois eu me casei.

Lembra aquele aluno Ronaldo de quem a minha mãe sempre contava que chorava tanto na escola? Pois é, me casei com ele.

Tive ótimos profissionais, inesquecíveis, dos quais me recordo até hoje e procuro seguir seu exemplo em minha carreira. Foi uma época de satisfação estar fazendo o que gostava.

Tive a oportunidade de lecionar nas diferentes séries: classes de alfabetização 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª série, Educação Infantil ( creche ) e na Educação de Jovens e Adultos ( EJA )

Iniciei na Educação Infantil com crianças de 4 anos que permanecia no período integral ( creche ), o contato físico é maravilhoso, troca de afetividade e proteção.



Na Educação de Jovens e Adultos, me deparei com adolescentes e pessoas idosas com as mãos machucadas pelo trabalho braçal, cansados, e mal conseguiam segurar o lápis, e tinham vontade de aprender a ler e a escrever. Mas muitos não conseguiam concluir.

Nas classes de alfabetização, a satisfação maior era ver aquelas crianças dominando a leitura e a escrita, aprimorando a letra dizendo aos pais: “minha professora falou...”

Com todas as experiências da prática no magistério fiz uma auto-reflexão sobre o processo de aprendizagem, seu início, seu desenvolvimento e seu momento atual.

O conceito de aprendizagem é um processo que tem relação somente com conteúdos sistematizados. A aprendizagem está relacionada com muitos campos da atividade humana, o poder dado à escola para assumir a responsabilidade sobre este processo é historicamente relevante.

Portanto, tradicionalmente, é comum nos reportarmos instantaneamente à Instituição Educacional ao tratarmos de qualquer aspecto relacionado à aquisição de conhecimento.

Portanto, pensar na escola, significa analisar um processo que engloba quem ensina, quem aprende, incluindo a participação da família.

*“... a escola é responsável pela sistematização da aprendizagem, isto é, aquela que se opera no interior da instituição educativa, mediadora da sociedade, órgão especializado em transmitir conhecimentos, atitudes e destrezas que a sociedade estima necessárias para a sobrevivência, capazes de manter uma relação equilibrada entre a identidade e a mudança. Estas instituições, além disso, provêm ao sujeito às aprendizagens instrumentais que irão permitir o acesso a níveis mais elevados de pensamento”.*

*Jorge Visca (1988, p. 178)*

*“... a educação tem como função primeira a manutenção, a socialização e a transformação do sujeito, mas ao mesmo tempo precisa fortalecer a repressão que lhe é imposta. A escola tem assumido um papel institucionalizado dessa ambivalência, sob a égide de sua função educativa. As representações da aprendizagem que se dão no seu interior, muitas vezes passam despercebidas em detrimento de um fundamento teórico tradicional”.*

*Sara Pain (1986)*

*“... é preciso conceber a realidade como inteira, além de ter de interagir com situações externas, culturais, políticas, educacionais, que podem intervir no seu movimento positivo e negativo”.*

*Barbosa (2001, p. 66),*

Todas estas relações contribuem para a complexidade da escola. Muitas vezes é difícil administrá-las, gerando conflitos entre os papéis e funções, provocando sintomas de desorganização e dificuldade de comunicação e execução.

## 2. Escola: Desafios e Processos

Mas afinal, o que é aprendizagem? Como se processa?

Para Alicia Fernandez, por exemplo, “todo sujeito tem a sua modalidade de aprendizagem e os seus meios de contribuir para o próprio conhecimento, e isso significa uma maneira muito pessoal para se dirigir e construir o saber”. Para a autora, esse processo inicia-se desde o nascimento e constitui-se em molde ou esquema, sendo fruto do nosso inconsciente (Bossa; 2000); e é claro, é fruto da história de cada sujeito e das relações que ele consegue estabelecer com o conhecimento ao longo da vida.

Enfim a aprendizagem conduz o saber, e o não saber, por isso é importante ter claro que o que ensinamos e como ensinamos é uma decisão de cada sociedade. Cada cultura elege o que é importante e o que não é para os seus futuros cidadãos. O fracasso escolar bem pode variar de uma sociedade para outra. Não precisamos ir tão longe. O conjunto de conteúdos que deve ser ensinado pode variar em uma mesma cultura, de acordo com proposta pedagógica de cada escola, mediante a realidade e a necessidade da comunidade escolar.

Entendo que aprendizagem visa à exploração do potencial adaptativo, utilizando todos os recursos, internos ou externos.

É necessário justificar estes recursos que influenciaram no insucesso do aluno na escola, por exemplo, a dificuldade de ensinar. Neste processo é essencial que educadores concebam a educação com um olhar voltado para o sujeito, possibilitando desenvolver a capacidade de encontrar respostas para seus problemas, tornando o responsável e, conseqüentemente, agente de seu próprio processo de aprendizagem.

Alunos que não aprendem sempre são desafios para nós professores, não é mesmo? Para aquele que possui estas dificuldades a situação é menos fácil. Não conseguir acompanhar o seu grupo destrói a auto-estima e deixa o aluno à margem de um processo que deveria ser plenamente integrador. As causas de não aprender podem ser diversas (orgânica emocional e/ou ambiental).

O processo de aprendizagem pode ocorrer dentro e fora da escola, sob forma de conhecimentos, ações, habilidades, procedimentos, operações, estratégias, costumes, regras, valores, técnicas, idéias, atitudes, crenças, sentimentos, princípios, teorias, interesses, preferências, aversões, gestos, etc.

A criança pequena aprende espontaneamente a coordenar seus movimentos, a reagir às outras pessoas e a falar o idioma do meio em que está.

Aprendemos espontaneamente a dançar, a andar de bicicleta e a nadar, podendo ser por imitação modelagem ou direcionamento.

Adultos e crianças aprendem uma lista infinita de coisas. A aprendizagem é constante e nos acompanha durante toda nossa vida.

## **2.1. Dificuldade de Aprendizagem, Fracasso Escolar e Práticas Pedagógicas**

Se compararmos a Medicina com a Educação, vamos perceber que um médico atualmente não se utiliza dos mesmos meios que usava a vinte anos atrás para dar um diagnóstico, mas o ambiente da sala de aula mudou um pouco. Será que estamos acompanhando o ritmo de nossos alunos e principalmente o ritmo do conhecimento produzido pelo mundo?

“Almeida (2002) afirma que na década de 90 vivemos uma profunda transformação no cenário educacional, sendo que essas reformas possuem bases neoliberais”. Tais concepções se mostram especialmente nos planos políticos pedagógico, organizacional e de financiamento, afirma também que o discurso subjacente às ações reformistas é o de enfrentar os trágicos problemas educacionais, tais como as dificuldades de aprendizagem, a repetência e a evasão escolar.

A abordagem da aprendizagem tradicional é um produto mecânico que ocorre por meio da transmissão de idéias selecionadas e a escola é o lugar onde se realiza educação. O indivíduo passivo, apenas recebe o conhecimento.

Para abordagem sociocultural, a mais recomendada pelas autoridades em educação da contemporaneidade o indivíduo se constitui sujeito na medida em que toma consciência de sua história e se apropria da realidade, sendo um agente transformador da sua realidade, da sociedade e dele mesmo. A educação assume um caráter amplo e não se restringe às situações formais de aprendizagem, pois a educação é um ato político.

Considerando importante uma leitura social das dificuldades de aprendizagem para que não se cristalice a idéia de que o problema do não aprender está localizado somente no aluno, ou no professor, ou no método. É claro que todas essas possibilidades

existem, assim como o conjunto delas, mas uma leitura crítica dos modelos educacionais propostos que ratificam uma política de acumulação de riquezas para poucos, bem como uma política de desigualdade pode ajudar a solucionar a desvelar as causas do não aprender.

O percentual significativo das dificuldades de aprendizagem está centralizado na alfabetização de nossos alunos. Um problema bem conhecido no universo da leitura é a dislexia, que se caracteriza pela dificuldade que a criança possui na área da leitura e da escrita, lembro da minha aluna Gabriela na 2ª série, que não conseguia se alfabetizar invertia letras, dificuldade de memorizar tabuada, dificuldade em nomear as letras do alfabeto. Hoje, Gabriela com 12 anos, prova que a dislexia não a impediu de aprender, é claro que precisou de mais tempo para acompanhar a turma, tendo que participar de aulas de reforço e ter acompanhamento psicopedagógico.

Muitas vezes, o aluno apresenta outras habilidades eficazes, boa oralidade, bom rendimento em outras áreas do conhecimento, mas não consegue alfabetizar-se. Uma das características é ausência da retenção da informação. A criança disléxica é capaz de aprender um assunto hoje e amanhã se comporta diante dele como se fosse primeiro contato. Às vezes são confundidos com alunos que não tem interesse e sem atenção, mas na verdade, a falta de concentração é apenas uma consequência e não o problema central.

É muito importante que o professor, ao analisar as dificuldades de seus alunos, faça de maneira consciente, pois às vezes encontramos profissionais classificando crianças como disléxicas quando na verdade há separação entre o mundo do professor e o universo do aluno. A instituição escolar que possui uma proposta socializadora e integradora não pode servir de reprodutora de desigualdades, especialmente utilizando-se do instrumento chave que é a nossa prática pedagógica.

## **2.2. Teorias de Piaget e Vygotsky no Cotidiano Escolar**

Destaca-se ainda a grande contribuição dos estudos de Jean Piaget para o entendimento do desenvolvimento humano. Piaget demonstrou que a criança tem uma forma própria de ver o mundo e entender o que a cerca, e que cada faixa etária ou etapa de desenvolvimento a concepção de mundo sofre alterações.

Existem alguns fatores que interferem direto no desenvolvimento humano; a hereditariedade – o potencial humano também é estabelecido pela sua carga genética, pois influencia, mas não limita esse potencial.

O crescimento orgânico também é outro fator e diz respeito ao desenvolvimento físico da criança e o domínio do ambiente que ela passa a ter a partir do crescimento. A maturação neurofisiológica garante o desenvolvimento neurológico e a sofisticação dos comportamentos e o meio influencia na estimulação ambiental. Ao estudar inteligência humana e a construção do pensamento, não esquecemos que o homem é formado por diversos aspectos como físico-motor, o intelectual, o afetivo e social.

Piaget definiu o desenvolvimento humano como sendo um processo de equilíbrazões sucessivas, caracterizando por quatro estágios ou períodos e estabelece faixa etária para cada um deles:

Período sensório motor (0 a 2 anos) A criança conquista o mundo por meio das sensações e das percepções. A inteligência nesta fase, é prática e se manifesta por intermédio dos movimentos, não há diferença entre o eu e o mundo, e o desenvolvimento muscular garante um domínio maior sobre o ambiente.

Período pré-operatório (2 a 7 anos) O aparecimento da linguagem é a marca deste período por meio dela a criança consegue expressar o seu mundo interior. O comportamento evolui por causa do aparecimento da linguagem e a realidade é transformadora para atender às necessidades da criança. Necessidade no mundo simbólico. Nesta fase a maturação neurofisiológica se completa e a criança adquire coordenação motora. Há um grande interesse por atividades diversificadas e surgem os primeiros sentimentos morais.

Período das operações concretas (7 a 12 anos) A criança abandona o egocentrismo e será capaz de cooperar com outros, desenvolverem trabalhos em grupo e ao mesmo tempo adquirir autonomia para o trabalho individual. As operações mentais se tornam mais sofisticadas e a criança é capaz de estruturar um planejamento para alcançar seus objetivos, tanto no plano físico como no plano mental. Surge à relação entre causa e efeito e a noção de número já pode ser construída.

Período das operações formais: A principal característica é a mudança para o pensamento abstrato, sendo possível realizar operações somente no plano mental, por exemplo, o aluno já é capaz de compreender o conjunto dos números inteiros e realiza operações com números negativos, pois já existe a possibilidade de um número ser menor que zero.

Vygotsky nos trouxe propostas teóricas e inovadoras sobre pensamento e a linguagem. Um conceito importante na sua obra é o fato das origens das formas superiores de comportamento, como a memória, a atenção e o pensamento, que para ele são construídas nas relações sociais e não dentro do próprio sujeito. Esse homem que se constitui por meio das relações sociais não é um simples receptor de informações, mas um sujeito participante de sua história e que interage com os seus pares.

Para ele, a aprendizagem está presente desde o início da vida da criança. Toda situação de aprendizagem tem um histórico precedente e ao mesmo tempo produz algo inteiramente novo no desenvolvimento da criança.

A diversidade nas condições sociais promove aprendizagens diversas que ativam diferentes processos de desenvolvimento.

Ele apresentou uma visão do desenvolvimento baseado na concepção do organismo ativo, onde o pensamento é construído paulatinamente num ambiente que é histórico e em essência social. Enfatizam-se as possibilidades que o indivíduo dispõe a partir do ambiente em que vive e que tem acesso a instrumentos físicos (faca, enxada, etc.) e simbólicos (valores, costumes, cultura, tradição, conhecimento etc.) desenvolvidos em gerações anteriores. Pretendeu sistematizar uma abordagem que considerasse as funções cognitivas complexas de um sujeito contextualizado, ou seja, histórico. Para isso buscou subsídios na abordagem dialética – materialista.

O processo de formação do pensamento é despertado e influenciado pela vida social e pela comunicação entre crianças e adultos, possibilitando a assimilação da experiência de várias gerações.

Vygotsky acreditava na contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano. Reconhece a grande diversidade nas condições históricas - sociais em que a criança vive e que os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida da criança. Reconhece que o pensamento infantil, sendo guiado de maneira ampla pela fala e pelo comportamento dos mais experientes, gradativamente adquire a capacidade de se auto-regular.

Os estudos de Vygotsky se concentram principalmente na linguagem e no pensamento. Para o autor, a fala possui um desenvolvimento progressivo, pois inicialmente a criança mistura a fala com as suas ações e o objeto, o brinquedo, por exemplo, é quem orienta a conversa. Posteriormente ela utiliza a fala para se comunicar com os adultos e demonstrar o que está fazendo ou querendo. Somente mais tarde é que a fala deixa de ser um instrumento do comportamento e adquire um amplo sentido.

Portanto, a linguagem é um meio de construção da cultura e toda ela representa um sistema de signos. Para Vygotsky, todo o desenvolvimento da criança ocorre no plano das interações e por isso, desde bem cedinho, quando a criança balbucia, este ato toca o adulto que desenvolve com outro ato, por exemplo, um carinho, uma palavra, que por sua vez realimenta e enriquece o repertório da criança. Para Piaget, a linguagem também passa por fases. No período operatório – concreto, ela transita entre o monólogo coletivo e a adaptação da informação que recebe de acordo com o seu mundo simbólico. Neste período já existe um diálogo estruturado e no período das operações formais os diálogos adquirem formas de discussões, muitas vezes ideológicas, já que na adolescência há uma grande preocupação com temas como justiça e a igualdade social.

Um conceito muito importante da teoria de Vygotsky é o de zona proximal. A zona proximal dos nossos alunos não pode ser medida, pois representa o desenvolvimento que está por vir. Cada ser humano possui sua zona proximal diferente, pois cada informação, cada contato com a realidade e, portanto, cada aprendizagem, altera a nossa zona proximal. Isso significa que o professor pode se posicionar perante o aluno considerando que o desenvolvimento ainda não aconteceu ou que a aprendizagem ainda está por vir.

Enquanto Piaget trabalhou com o desenvolvimento retrospectivo, ou seja, o desenvolvimento que já ocorreu, Vygotsky considera o desenvolvimento que ainda está por vir. Para Piaget, os estágios de desenvolvimento do pensamento existem em qualquer cultura, mais ou menos na mesma época, e o que determina o limite de aprendizagem das crianças é a capacidade das estruturas mentais. Para Vygotsky, o cérebro humano possui características muito importantes que é a plasticidade cerebral. Isto significa que as capacidades de aprendizagem podem ser ampliadas, pois o cérebro é plástico e a capacidade está ligada ao nível de interação social das crianças com o meio. A concepção de plasticidade foi muito importante para o trabalho que Vygotsky desenvolveu com crianças portadoras de deficiência e seu trabalho influenciou muito na atual compreensão de que todos são capazes de aprender.

Tenho certeza que nenhuma teoria substitui outra, o trabalho do professor é sempre interdisciplinar e buscar fundamentação teórica para diversas concepções ainda que pareçam inversas em alguns momentos. A teoria de Piaget pode enriquecer o trabalho do professor na medida em que traz concepções interessantes sobre o processo de aprendizagem, quando apresenta o conceito de assimilação e equilíbrio para a efetivação da aprendizagem, por exemplo.

Cada estágio de desenvolvimento, especialmente como as estruturas cognitivas se apresentam em cada um deles, podem colaborar para construções que cognitivas se apresentam em cada um deles, também podem colaborar para a construção de um planejamento adequado, a compreensão infantil, principalmente no que diz a seleção de conteúdos.

Piaget considera o desenvolvimento retrospectivo e, portanto, a postura do professor é uma relação ao que o aluno já sabe ao que ele já aprendeu. Trata-se de uma postura de avaliação. Avaliar é fundamental para caminhá-lo do processo pedagógico, mas é importante que a avaliação não seja utilizada para rotular o aluno ou fechar idéias em si mesmas. Ex: quando o professor chega à conclusão de que o aluno não consegue aprender determinados conceitos porque se encontra no estágio pré – operatório ou quando os conteúdos exigem que ele esteja no período preparatório concreto, sim descobrimos isso, mas o que faremos com essa informação? Vou promover alternativas de estimulação da aprendizagem, então a avaliação e o posterior enquadramento do aluno no estágio pré – operatório foi valido. Caso contrário, cairemos na crença da espontaneidade do desenvolvimento.

### 3. Afetividade e Aprendizagem na Escola

*“As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação de pessoa professor aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”*

*(Almeida, 1999).*

A presença da afetividade nas práticas pedagógicas em sala de aula sempre esteve presente nas discussões com educadores; É possível entender, que através de uma análise histórica, os motivos pelos quais a dimensão afetiva não tem sido considerada como central nos processos de constituição humana, embora nunca tenha sido negada. Somos frutos de uma concepção secular segundo a qual o homem é um ser cindido entre razão e emoção, a chamada concepção dualista do ser humano, cujas raízes estão na tradicional separação cartesiana entre corpo e alma.

Além do dualismo razão/emoção, durante séculos o pensamento dominante sempre caracterizou a razão como dimensão mais importante, a emoção em vários momentos históricos, é considerada o lado negro do ser humano, responsável pelas reações animalescas, o que o homem teria de pior. No século XX, predominou a interpretação de que a razão deve dominar e controlar a emoção, o que seria possível através do processo de desenvolvimento, onde os mecanismos institucionais, educacionais destacando a família e a escola, teriam um papel fundamental.

É possível entender que essas representações tiveram papel crucial nas instituições escolares, em especial nos currículos e programas educacionais contribuindo para considerar apenas dimensões racional-cognitivas no trabalho pedagógico.

Pode-se presumir que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os aspectos. Podemos dizer que a afetividade constitui-se como um fator de grande importância na determinação da natureza nas relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos e os demais objetos do conhecimento, áreas e conteúdos escolares) bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. Posso afirmar que afetividade está presente

em todos os momentos ou partes do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor e não apenas nas suas relações particulares com o aluno.

As decisões pedagógicas que o professor assume, no planejamento e no desenvolvimento do seu trabalho, têm implicações diretas no aluno, tanto no cognitivo, quanto no afetivo. Essas decisões são inúmeras, considerando que parte delas é planejada, mas parte é fruto das situações imprevistas que ocorre no cotidiano da sala de aula.

Por isso que é importante ver o aluno como ser individual, pensante que constrói o seu mundo, espaço e o conhecimento com sua afetividade, percepção, expressão, crítica, imaginação e seus sentidos.

No ambiente escolar a afetividade contribui para o processo ensino/aprendizagem considerando uma vez, que o processo não transmite conhecimento, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Devem dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

A afetividade não se dá somente por contato físico, discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho reconhecer seu esforço e motivá-lo sempre; constitui formas cognitivas de ligação afetiva, mesmo mantendo-se o contato corporal como manifestação de carinho.

Pichon-Rivière também elaborou a “teoria dos três D” o que seria? Depositante, depositado e depositário. Esta teoria acredita na interação depositante/depositário por meio de depósito. O depositante é o cliente, no nosso caso, o aluno, o depositado é o capital que para nós representa conteúdo, o depositário é o professor que representa o conhecimento.

A teoria de Pichon-Rivière nos faz concluir que a aprendizagem acontece por meio de um processo de interação entre aluno, professor e o conteúdo e que esta relação é permeada de afetividades e conflitos.

A cultura do aluno influencia bastante na medida em que pode funcionar como elemento de resistência para aprender. É como se o aluno entrasse em conflito e pensasse que, aprendendo, deixará de pertencer a uma determinada cultura e comunidade, pois estará se distanciando de seus iguais.

Embora os termos citados sejam novos para muitos professores, na prática, a maioria de nós já experimentou essas situações sem saber como elas se denominavam, seja na experiência de professor ou de aluno. Quem nunca teve medo de aprender? Ou

ainda, quem nunca sentiu ansiedade diante de um novo conteúdo, ou diante de uma avaliação?

A aprendizagem para Pichon-Rivière é uma rede de contradições, por tudo que é heterogêneo. No grupo operativo, técnica criada pelo autor, o sujeito deve ser o autor de sua aprendizagem, por meio da apropriação da realidade e de sua identidade construída historicamente e por isso, ao mesmo tempo em que a aprendizagem é um fenômeno psicológico e também social.

Pichon-Rivière, durante o tratamento de pacientes psicóticos, por meio da técnica analítica, percebeu que há objetos internos que se articula em um mundo já construído por meio de um processo de internalização. A partir da indagação analítica, Pichon-Rivière ampliou o conceito de relação de objeto, que mais tarde veio a denominar de vínculo. É quando as relações intra-subjetivas ou estruturas vinculares internalizadas, articuladas em um mundo interno, que a aprendizagem acontece para o autor.

Para Psicologia Social, nenhuma obra pode ser compreendida fora da complexidade das relações sociais e toda obra cultural é a expansão social em forma de sensibilidade e interpolação, portanto, para este autor, nenhum conhecimento se constrói de forma singular, pois é resultado de uma produção social. Os estudos de Pichon-Rivière iniciam na psicanálise e culminam na psicologia social.

A técnica do grupo é justificada por ser uma experiência social e um sistema de relações que pretende atender às demandas dos seus participantes: o ECRO-Esquema Conceitual Referencial e Operativo que representa a orientação para ato de aprender as experiências e a afetividade do aluno, ou do sujeito em todas suas particularidades. Portanto ele é único e não há um ECRO igual ao outro. Para essa aprendizagem se configure é necessário que haja o vínculo que se define como a estrutura de complexidade que inclui um sujeito, um objeto e a relação que ocorre entre ambos. O vínculo pode se tornar patológico quando o sujeito perde suas relações com a realidade, que é o caso de doenças como a esquizofrenia.

A teoria de Pichon-Rivière foi muito utilizada no campo da doença mental, mas é interessante que o professor também se aproprie desse conhecimento para compreender, por exemplo, como ocorrem as relações familiares do aluno, as suas relações com colegas de classe, o tipo de vínculo que ele consegue estabelecer na sala de aula, com o professor e com os colegas. Para esse estudioso, a família é o grande

suporte da sociedade e é a partir dela que a criança se socializa. O grupo é o limite que estabelece as tendências afetivas, estéticas etc.

A Psicologia Social também contribui bastante para a Didática e nesse caso, tem função principal de modificar a atitude do sujeito. Para este modelo de didática, a aprendizagem é a apropriação instrumental da realidade, para transformá-la. É assim, o processo ensino/aprendizagem e o professor/aluno formam uma única unidade.

O autor ressalta que a técnica do grupo só pode ser aprendida por meio da experiência pessoal, é preciso ter sido aluno e a tarefa deste grupo é aprender um assunto, utilizando como técnicas de aprendizagem a interação com todos os componentes.

Analisando as contribuições de Pichon-Rivière, nos fazem refletir sobre a importância do grupo para a aprendizagem e um modelo antigo de ensino no qual o aluno recebe passivamente o conteúdo. Nessa proposta o aluno torna-se autor do seu próprio conhecimento e que é mais importante: o professor não é o único a ensinar, pois os componentes do grupo desempenham papéis, e esses papéis não são fixos.

Observando as turmas que passaram por nós, vamos perceber que em cada um havia o aluno que fazia o papel engraçado, o aluno que era modelo intelectual, o indisciplinado, não é mesmo? O tempo passou, as turmas mudaram, mas os papéis permanecem. É como se o grupo precisasse de determinadas funções para viver. Porém, nem sempre utilizamos o potencial do grupo como convém, vale à pena sair do plano individual e investir num trabalho em grupo que construa um conhecimento de fato socializado. Vimos que Pichon-Rivière apresenta a aprendizagem como um fenômeno psicológico e ao mesmo tempo social. Pois bem, podemos dizer que na medida em que seus componentes interagem, há também a construção de um vínculo afetivo entre componentes num processo de transferência e contratransferência. Da mesma forma, cada componente pode agir da mesma forma com a figura do professor e o vínculo afetivo/positivo se tornarem um grande aliado.

## 4. Indisciplina na Escola

A escola contemporânea tem se defrontado com diversos dilemas éticos, tais como roubo, o uso de drogas, a vida sexual precoce, a gravidez na adolescência, a permissão ou não do namoro na escola, etc. Nós gestores, olhamos para trás buscando em nossa formação, teorias que nos ajudem a compreender e intervir nas situações éticas, porém nem sempre encontramos. A sociedade mudou bastante no que diz respeito aos valores morais e os problemas na escola são cada vez mais inéditos.

O fato é que cada escola acaba resolvendo os seus conflitos éticos, um a um, adotando o critério “cada caso é um caso” muitas vezes contrariando ou em consonância com a própria concepção de homem e de educação. Os conflitos e dilemas éticos são muitos, vamos nos deter na indisciplina na escola.

A indisciplina é a contradição entre a atividade proposta e o comportamento do aluno. Isso quer dizer que o silêncio absoluto na sala de aula também pode representar um ato de indisciplina. Depende muito da atividade proposta pelo professor, vejamos este exemplo: O professor solicita á turma que faça a leitura de um texto, depois que participe ativamente de um debate, e posteriormente, cante em conjunto com o professor uma música relacionada ao tema da aula. Suponhamos que dois alunos resolvem ficar no cantinho da sala, ainda na primeira atividade proposta, lendo um livro em silêncio e se neguem a participar das demais atividades. Muito embora não estejam incomodando seus colegas, pois estão em silêncio, esses alunos estão em situação de indisciplina, visto que o comportamento deles não condiz com a atividade proposta. Vejo o problema da indisciplina como um problema de relação com a matéria ou com o espaço escolar, tudo que se relaciona à aprendizagem.

Como a criança recebe as regras e a autoridade do adulto e do ambiente social durante o seu desenvolvimento?

Até por volta de dois anos, a criança está na fase da anomia, que significa ausência total de regras. Nessa fase ela não é capaz de discernir o certo do errado e a aquisição das regras virá pela formação de hábitos. A rotina e atividade será um ótimo recurso para a apreensão da disciplina e das regras sociais. A criança não é capaz, ainda, de compreender o sentido semântico das expressões verbais e o que demarca se ela está errando ou acertando é a expressão facial do adulto e o tom de voz utilizado. Isso

acontece porque as crianças no período da anomia não são capazes de compreender as regras e por isso, sorriem quando um adulto pede para não mexer na tomada elétrica, por exemplo, e continuam colocando o dedinho. Também é comum encontrar crianças de turmas de maternal resolvendo seus problemas com outras crianças na “base da mordida”. É o sensorio falando mais alto e o corpo precisa “participar” das decisões, já que a cognição não está preparada para isso.

Depois de dois anos de idade começa o período da heteronomia moral quando o ser humano passa a compreender a presença das regras, mas não é capaz de utilizá-las com autonomia e, portanto, necessita de um adulto para conduzi-lo. A heteronomia aparece inclusive, nas atividades do dia-a-dia como, por exemplo, quando a criança espera que alguém mande levar-se ou que está no horário de fazer o dever de casa etc. A heteronomia também vai se caracterizar pelo cumprimento das regras a partir da presença da autoridade. A autoridade é quem controla o respeito pela lei, pois as regras ainda não foram absorvidas pelo indivíduo. É o exemplo de um motorista que só respeita as leis de trânsito se houver a presença de um guarda nas avenidas, caso contrário, ele desrespeita, muito embora seja consciente de todas elas.

Depois de onze anos de idade, a criança pode ou não adquirir a autonomia moral, já que, segundo Piaget, uma parcela muito pequena da sociedade atinge essa fase de desenvolvimento. A autonomia moral caracteriza-se pela compreensão e cumprimento das regras, pela consciência da necessidade e da importância delas e não pela punição que pode ocorrer, como no caso da heteronomia. A presença ou a ausência de um guarda de trânsito é indiferente para o cumprimento das regras, porque já foram interiorizadas pelo sujeito.

Os alunos que apresentam dificuldades na área disciplinar encontram-se na heteronomia moral, às vezes, nem mesmo a presença de uma autoridade leva-os ao cumprimento das regras, mas os problemas de disciplina não precisam ficar sem solução e a exclusão do aluno da instituição pode ser o último recurso se nós, educadores, fizermos da disciplina uma proposta pedagógica. A construção de limites éticos deve fazer parte dos nossos projetos.

Para Piaget (1977), o desenvolvimento moral ocorre em consonância com o desenvolvimento intelectual, portanto, considerando os estágios cognitivos descritos por este autor, temos noção do que as crianças e adolescentes são capazes de compreender e do que não são. Também nos alerta a importância da intervenção do adulto, já que a infração tem que ser por ele pontuada. A criança comete infrações e não tem nenhum

retorno por parte do adulto interpreta que não existe alguém que a proteja, que zele pelo seu bem-estar, o que do ponto de vista psicanalítico significa amor.

Ainda para Piaget (1977), a forma como o adulto vai demarcar os limites e corrigir infrações cometidas pelas crianças pode levar o sujeito à autonomia moral ou à heteronomia moral.

Posso dizer que os alunos com problemas de indisciplina ficam com a imagem muito desgastada na escola e a relação com a equipe pedagógica nem sempre é positiva. Precisamos investir na auto-estima desses alunos para que construam vínculos afetivos adequados e passem a acreditar na própria mudança.

A reconstrução da disciplina exige da escola um projeto pedagógico. Não é um trabalho somente do professor, é preciso verificar de que maneira a família pode participar desse processo, sendo necessário envolvê-la na busca pelo bom comportamento do filho.

Faz-se necessário, também, que a escola tenha seus limites e códigos de conduta bastante claros, deixando evidente, também, como se trata cada situação de indisciplina. Vamos refletir sobre a possibilidade de a criança apresentar situações de indisciplina como um problema relativo de aprendizagem ou ambiente escolar. Cabe a nós educadores criar mecanismos e fazer o aluno expressar a razão de seu comportamento.

A razão do problema pode estar ainda no contexto familiar. Nesse caso, havendo uma mudança brusca de comportamento, é necessário que a família seja convidada para oferecer dados e receber ajuda dentro dos limites e possibilidades da escola.

## 5. A construção do Currículo na Escola

Posso afirmar que existem muitas definições para o termo currículo e em consequência do que se entende por currículo, há uma grande diversidade de práticas pedagógicas e de propostas educacionais, a noção de currículo, muitas vezes, é reduzida à noção de conteúdos ou de planejamento, no entanto, muitos consideram que ele não é somente a instrução, os conteúdos que o compõe, mas as experiências de aprendizagem oferecidas no ambiente escolar.

Outros estudiosos caracterizam o meio escolar como um âmbito de comunicação e a educação como um processo de comunicação e, nesse caso, o conhecimento é transmitido pela escola não como um dado, mas como um produto de uma construção dinâmica, no plano das relações entre ensinantes e aprendentes.

Nenhuma concepção curricular esta isenta de propostas pedagógicas refletindo uma concepção de educação, de sociedade, de política e de cultura. A instituição escolar possui professores que realizam experiências curriculares enriquecedoras e descobrir talento de seus docentes, bem como incentivá-los, demonstrar que o compromisso com o currículo é uma questão da instituição escolar e não de iniciativas isoladas. Ou seja, todos estão comprometidos com o mesmo fim, que é a excelência do ensino ao atingir os objetivos pretendidos com a prática pedagógicos.

Para Hernandez (1988), a interdisciplinaridade na escola tem como objetivo oferecer uma resposta à necessidade de ensinar aos alunos a unidade, a saber. É necessário que o professor organize o seu trabalho de modo a colocar em comum a visão de diferentes disciplinas sobre um determinado tema. Uma crítica que o autor tece a esse respeito é que nem sempre há intercâmbios relacionais reais entre os setores. O fato dos professores relacionarem as áreas do conhecimento não significa que os alunos tenham uma visão global das mesmas. É necessário repensar o trabalho educativo em termos da complexidade do conhecimento e de sua produção. Nesse sentido, aprender significa interpretar a realidade, compreendendo seus fenômenos explicitando essa compreensão.

Zabala (1999) fez uma diferenciação entre os métodos globalizadores e os enfoques que trabalham diferentes relações entre os conteúdos. No primeiro, os conteúdos de ensino não se apresentam nem se organizam a partir de uma estrutura

disciplinar, mas a partir de um tema ou problema, por meio do qual os conteúdos são estudados. O referencial organizador do trabalho pedagógico e o aluno e suas necessidades educativas. Os conteúdos estão condicionados aos objetivos de formação do aluno. Os segundos se caracterizam pelo tipo de relação que se estabelece entre as disciplinas não se referem a uma metodologia concreta, mas a uma determinada maneira de organizar e representar os conteúdos, a partir das disciplinas. A prioridade básica são as matérias e sua aprendizagem. Zabala observa que as relações entre as disciplinas constituem um problema essencialmente epistemológico, quer dizer, uma concentração de preocupações com a construção do conhecimento, e, como consequência uma questão escolar.

Este autor apresenta quatro tipos diferentes de relações entre as disciplinas que têm aplicação no campo do ensino. São elas:

Multidisciplinaridade – os conteúdos escolares se apresentam como matérias independentes, como um somatório de disciplinas, sem relações entre si.

Pluridisciplinaridade - a organização dos conteúdos expressa a existência de relações entre disciplinas com alguma afinidade como, por exemplo, Ciências Biológicas, Química e Física.

Interdisciplinaridade - é a interação de duas ou mais disciplinas de áreas diferentes, implicando numa troca de conhecimentos de uma disciplina à outra, gerando um corpo disciplinar.

Transdisciplinaridade - é grau máximo de relações entre as disciplinas, a busca de integração global dentro de um sistema, buscando a unidade do conhecimento.

Não podemos continuar trabalhando com alunos utilizando a porta da escola como limite isolante do mundo. A realidade vivida garante aprendizagem. Muitos conteúdos são amorfos, porque estão desconectados da realidade e as aulas tornam-se desinteressantes, intermináveis, gerando o baixo rendimento.

Para elaborar um currículo compatível com a prática pedagógica e a realidade da escola é necessário que a escola defina alguns conceitos, por exemplo, o conceito de educação, o seu conceito de sociedade, de valores, de homem e principalmente, o homem que se deseja formar. A partir dessa concepção é que o currículo pode ser estruturado. O passo seguinte é realizar um diagnóstico da comunidade no qual a escola está inserida. Isso é fundamental para funcionalidade do conteúdo e o desenvolvimento de projetos. Sem conhecer a realidade local correremos o risco de elaborar um currículo

incompatível com as necessidades dessa comunidade, provocando a evasão escolar, baixo rendimento e desempenho inferior.

Em 2007 implantamos no município de Santo Antonio de Posse o ensino fundamental de nove anos com a inclusão das crianças com seis anos completados até 30 de junho.

Como supervisora de ensino, o primeiro passo foi acreditar e investir. Faz parte hoje deste projeto, eu, pedagoga e supervisora de ensino, uma psicopedagoga e um administrador, onze professora e trezentos e trinta alunos no ano letivo de 2009.

Nosso maior objetivo era a implantação do primeiro ano no ensino de nove anos, o acompanhamento com mesmo docente no primeiro ciclo 1º, 2º e 3º ano e oferecer uma alfabetização adequada e prazerosa e prevenindo as possíveis dificuldades de aprendizagem.

O currículo é um instrumento que deve ter as diversas possibilidades de aprendizagem não só no que concerne a seleção de metas e conteúdos, mas também na maneira de planejar as atividades, resume o psicólogo César Cool, professor na Universidade de Barcelona e um dos maiores especialistas no assunto. A equipe deve reunir para cuidar da elaboração do currículo, que é algo que deve ser feito em equipe, pois ninguém educa sozinho e na sala de aula os alunos recebem influências das relações de toda escola, no momento de elaborar um currículo essa unidade deve permanecer. Considerando esta unidade, a equipe da escola pode começar a estabelecer o que é importante saber na sociedade em que vivemos e, principalmente, na comunidade onde a escola está inserida. Aí temos mais uma gama de desafios.

A socialização apresenta a transmissão de uma cultura vigente às novas gerações, e isso é tarefa da escola e, portanto, do currículo. A função repressora diz respeito aos limites estabelecidos e a função transformadora à quebra de paradigmas e a mudança das desigualdades sociais. Dessa maneira, a escola tem como função, por meio do currículo, transmitir e transformar.

Nossa estratégia de trabalho foi executar em grupo o planejamento semanal, discutindo o acompanhamento da evolução discente e dificuldades de aprendizagem oferecendo orientações iniciais para a prática de sondagem dos aspectos pedagógicos dos alunos e intervenções em sala de aula.

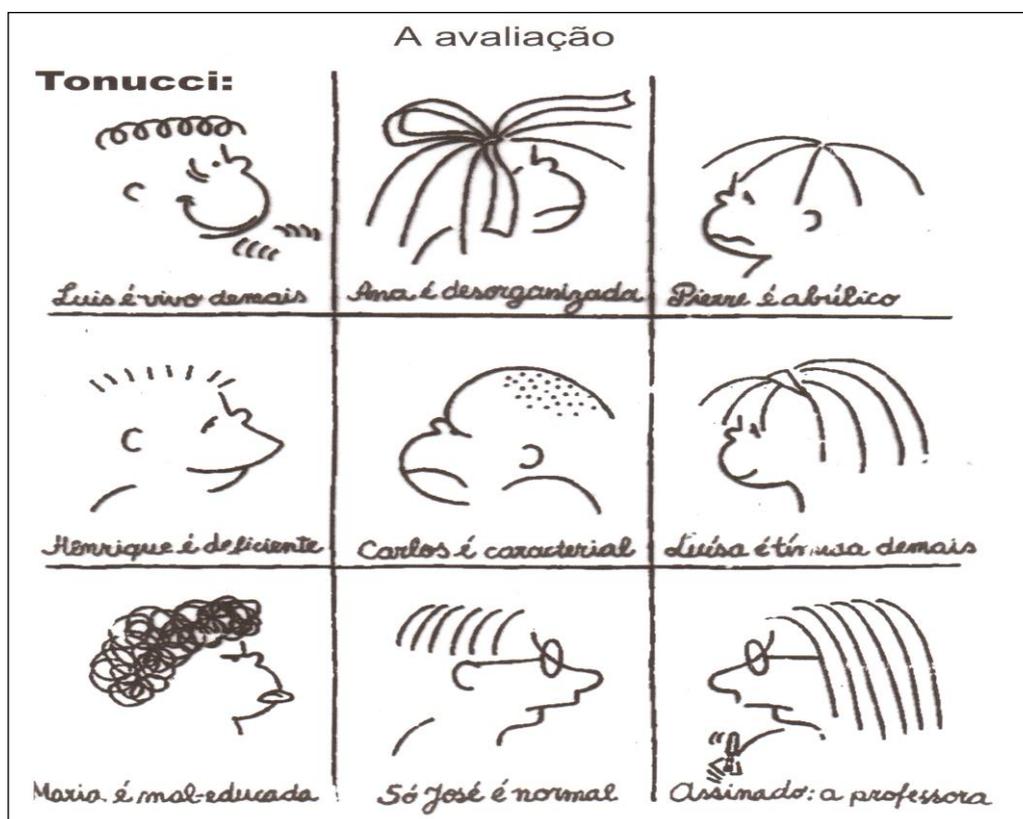
O planejamento bimestral é discutido com o grupo, estimulamos o desenvolvimento e aprimoramento/memória processual (planejar – organizar –

executar) estratégias de trabalho e funcionalidade dos materiais como apostila, caderno entre outros.

Estimular os alunos ao aprendizado, conhecer e criar segurança na realização das atividades de leitura e escrita; escutar as diversas vivências em sala de aula; ensinar de várias maneiras sempre; desenvolver habilidades e competências, desenvolver nos docentes um olhar técnico sobre o processo de ensino/aprendizagem e essa é uma maneira das ações mais importante da escola, que é acreditar no papel transformador de um bom currículo. Quando a equipe participa ativamente da criação do currículo fica mais fácil o documento não virar arquivo. Mesmo assim, é essencial se debruçar sobre ele antes de colocá-lo em prática, esse é um momento mais difícil e muito professor tem dificuldade em abandonar antigas práticas e começar a trabalhar de forma diferente.

É indispensável que o documento seja preparado, compartilhado e aceito por todos, só assim os professores terão um norte para o dia-a-dia em sala de aula.

O currículo deve completar as necessidades da coletividade e ao mesmo tempo respeitar as diferenças individuais.



Retirada do livro "Com olhos de crianças".

De Tonucci

## 6. Planejamento Escolar – Prevenção das Dificuldades de Aprendizagem

Planejamento é atitude, é a reflexão em si, enquanto o plano é documento, o resultado da atitude de planejar. Planejar é uma das atividades docentes mais importantes, porque faz com que o professor reflita sobre a sua prática diária, sobre os objetivos que deseja alcançar e sobre a forma como pretende alcançá-los. É a forma mais eficiente, junto à avaliação, é claro, que o professor possui de controlar a aprendizagem de seus alunos e garantir a forma de intervenção mais adequada para cada momento. Portanto, o planejamento é uma forma de controlar a aprendizagem, bem como promovê-la, o professor pode trabalhar na esfera da prevenção das dificuldades de aprendizagem, planejando de maneira a respeitar as características do seu público e também as necessidades que esse apresentar.

Veio na lembrança, quando assumi o cargo de Diretor de Escola em 2004:

A escola era a maior do município, naquela época, funcionavam três períodos e consegui realizar um bom trabalho, mas hoje posso ver como é importante a integração das pessoas dentro da unidade escolar, na época a minha primeira preocupação era fazer o projeto político pedagógico, fiz praticamente sozinha, mas nos dias de hoje poderia ser totalmente diferente, principalmente com a participação da comunidade escolar.

*“nenhum processo de obtenção de hegemonia política pode desprezar uma transformação dos significados, das categorias, dos conceitos, dos discursos através dos quais a realidade adquire sentido e pode ser nomeada, a transformação do campo semântico não apenas condições para o estabelecimento dessa hegemonia, ela é parte integral da transformação”.  
Pode se desenvolver um pensamento que busque estabelecer um espaço de reflexão sobre a gestão da educação através da relação entre políticas públicas para a educação e planejamento educacional.*

*Tomas Tadeu da Silva (1996 p.98)*

Não é possível discutir educação e gestão escolar dissociando coisas tão significativas como profissionalismo e ações intencionais e bem planejadas. No momento em que a escola encontra outros novos caminhos ganham sentido: o da ética, do professor, de cada um, dos planos dos alunos e das famílias. Fazer uma escola

coerente é sobre tudo planejar coletivamente os rumos, anseios, ideais que darão vida ao projeto. O gestor escolar é um ser humano normal cheio de dificuldades, limitações e virtudes, mas necessita ter consciência disto, não para usar desculpas, mas para reconhecer que é preciso dialogar, ouvir para encontrar saídas.

Conforme a vídeo-aula do professor Balzan, o planejamento deve ser elaborado junto com a comunidade escolar, atribuindo funções e agregando todos, para conhecer os alunos, pais, funcionários e professores. O diretor precisa ser um pesquisador e conhecer a realidade dos alunos, de onde vem, onde moram e quais expectativas dos alunos em relação a escola e também conhecer a realidade dos profissionais que ali atuam, e só depois elaborar o planejamento.

Para realizar as ações de planejamento na escola é necessário que a equipe gestora reconheça o planejamento como um movimento contínuo que não se esgota no período previsto em calendário escolar, mas que antecede e ultrapasse esse limite possível. É claro o aspecto processual, flexível e dinâmico do ato de planejar que fundamente suas propostas nos indicadores escolares disponíveis obtidos nas avaliações externas e / ou produzidos bimestralmente e ao final do ano pela própria escola. Estes, particularmente, devem ser objeto de análise sistemática e constituem pistas valiosas para a proposição de intervenções imediatas e preventivas que permitam corrigir rumos, durante o ano letivo.

Alkin (1972, p/ 107) afirma que: “a avaliação é um processo de averiguar as áreas de preocupação que necessitam de decisões colecionando, selecionando e analisando informações apropriadas para informar dados sumariamente úteis para tomada de decisões e indicar alternativas possíveis”.

O planejamento é a garantia do sucesso do aluno, é necessário propor algumas etapas e questões que serão norteadoras do caminho para que os objetivos e metas sejam alcançadas.

Durante minha prática encontrei muitos profissionais competentes, comprometidos e muitas pessoas sérias da comunidade que desejam uma escola de qualidade, organizada e coerente para os filhos.

É comum justificarmos as deficiências de aprendizagem por meio da imaturidade das crianças, a falta de acompanhamento dos pais. Neste caso mais uma vez é necessário repetir que a causa do não aprender pode estar localizada em alguns desses fatores, sem dúvida, mas é muito importante uma revisão das práticas pedagógicas. Para Libâneo (1984), há fatores hereditários que determinam tipos de inteligência, mas a

maioria das crianças é intelectualmente capaz e, além disso, a influência do meio pode facilitar o desenvolvimento da inteligência. A maturidade, segundo este autor, não depende só do aluno, pois o professor tem um papel importante na medida em que o desenvolvimento das capacidades mentais pode ser estimulado justamente pelos conhecimentos e experiências sociais pelas condições ambientais e pelo processo educativo organizado.

Ele nos orienta também para as deficiências na organização do ensino que decorrem dos objetivos e programas muito extensos ou simplificados demais, inadequação à idade, ao nível de assimilação e a falta de relação. Há professores que priorizam uma área de conhecimento em detrimento de outra. Há quem considere o pensamento lógico-matemático a base essencial para qualquer aprendizagem, há outros que privilegiam a construção da lecto-escrita como superação do fracasso escolar e outros ainda, que acreditam que o mais importante é contemplar a identidade, a autonomia e a criatividade.

Ao planejar é preciso que o professor acompanhe e avalie os seus alunos de modo a resgatar aqueles que possuem dificuldades e que considere o vínculo desses alunos com o ato de aprender.

Considerando a teoria genética de Piaget, é necessário que o ensinante também considere em seus alunos a relação entre a construção de esquemas de conservação e a elaboração de algumas estruturas lógicas – matemáticas, priorizando uma metodologia específica para aprendizagem, especialmente dos conteúdos da área de matemática, bem como compreender em qual estágio de desenvolvimento cognitivo a criança se encontra: sensorio motor, pré-operatório, operatório concreto ou operações formais.

O planejamento fundamentado deverá considerar a aprendizagem que se faz necessária num momento específico a reparação daquela que ainda não aconteceu e deve alcançar ainda a dimensão preventiva, não só na sala de aula como em nível institucional.

Mamede (1993), citando Lúria, considera que competências, como a leitura, cálculos, são patrimônios exclusivos da espécie humana, provida de um nível superior de funcionamento cortical. O homem destaca-se dentre os animais, na medida em que avança para além dos automatismos, pela capacidade de elaboração, transformação e simbolização dos dados recebidos e programação de respostas diferenciadas, observadas em atividades motoras e mentais revestidas de intencionalidade. Isso significa que a intervenção do professor, devidamente planejada, tem muito poder na ação pedagógica

e na construção da aprendizagem, haja vista que a interação social é a grande provocadora da elaboração de estruturas mentais superiores.

O componente afetivo também não pode ser esquecido. Para Mamede (1993) o momento em que a criança entra em contato com o mundo é considerado um marco inicial na construção do conhecimento e inseparável da afetividade, já que essa assume o papel de comportamento energético que age na relação do sujeito com o objeto, enquanto que o aspecto cognitivo é caracterizado por suas estruturas hierárquicas.

O planejamento organizado de maneira interdisciplinar também é um recurso facilitador da aprendizagem. A construção do conhecimento também é interdisciplinar, pois as informações interagem e se agrupam formando novos conhecimentos, novas leituras de mundo.

Piaget considera a aprendizagem não a maneira como cada criança relaciona os conceitos das diferentes matérias, mas como ele relaciona o conhecimento geral, amplo, no qual o mais específico estaria inserido como composição do conhecimento maior. Logo conhecimento não é um agrupamento de particularidades, mas uma estrutura organizada e resultado de trocas com o mundo exterior.

A concepção de aprendizagem e de construção de conhecimento de Piaget nos remete a necessidade do professor elaborar aprendizagens significativas e não estanques. Os conteúdos não podem ter um fim em si mesmo, mas devem estar a serviço da construção das estruturas cognitivas mais sofisticadas.

## **7. A Avaliação Escolar como Instrumento de Diagnóstico**

O Planejamento e Avaliação são atividades indissociáveis, pois ao contrário do que muitas pessoas imaginam a avaliação não é o final de um processo do ciclo docente, mas pode representar o começo, já que devemos partir dela para planejar as nossas aulas. As avaliações dizem o que devemos fixar revisar e a matéria nova que deve ser lançada.

Você já parou para refletir o quanto os processos de avaliação de aprendizagem são excludentes? Sim, excludentes.

A avaliação separa o saber do não-saber, o aprovado do não-aprovado, o aluno “fraco” do aluno “forte”. Vamos iniciar nossas reflexões analisando as diferentes formas de avaliação que encontramos na sociedade. Temos o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), o vestibular, o PROVÃO (exame utilizado para avaliar as universidades brasileiras a partir do rendimento dos alunos) e o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) que avalia amostras de alunos do 5º e do 9º Anos do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, de todos os estados brasileiros.

Há grandes polêmicas sobre todos os sistemas de avaliação, especialmente no que diz respeito à padronização de modelos, já que o país possui uma diversidade muito grande de propostas pedagógicas e de objetivos de ensino. Sabemos que muitas escolas enfrentam inúmeras dificuldades para desenvolver o seu trabalho como, por exemplo, as escolas rurais, que nem sempre gozam da possibilidade de contar com professores profissionalizados, além da dificuldade de acesso ao espaço físico. Muitos profissionais que atuam nessa realidade são professores leigos, que exercem com grande empenho o seu trabalho. Então pergunto: Qual é a melhor escola? O que é uma boa escola? O que os instrumentos de avaliação externa entendem por qualidade de ensino? Qual é o padrão desejado por eles?

Há autores, por exemplo, que consideram esses instrumentos como práticos de dominação do estado sobre a educação, já que a competitividade e a concorrência incentivam que as práticas pedagógicas se alimentam de eficiência e produtividade, tal qual uma empresa, na qual existem metas preestabelecidas a serem atingidas.

Outra polemica é a de transferência de responsabilidade. Sabemos as quantas anda a Educação no Brasil e que esta esfera necessita bastante de investimento do

governo. Investir na educação é investir na sociedade do futuro, além disso, é dever do Estado. Porém com os resultados das avaliações externas, segundo alguns autores, o governo transfere a responsabilidade dos insucessos para cada instituição de ensino, além de sugerir a população que cobre dessas os resultados.

Nós professores, o que fazemos com avaliação em sala? Será que dentro de nossas salas sofremos influências dessas concepções de avaliação? Certamente, pois nenhuma prática pedagógica é neutra. Algumas vezes responsabilizamos os nossos alunos pelo próprio fracasso, reproduzindo o que acontece na sociedade, sem questionar as nossas práticas pedagógicas e repensá-las.

Falamos hoje em inclusão e sempre nos referimos aos alunos portadores de necessidades especiais, mas será que somente eles necessitam ser incluídos? Existem muitos alunos que passam anos, sem aprender.

Conheçamos um pouco sobre a vida de Mario: ...

Atualmente com 09 anos, iniciou sua vida escolar em uma escola municipal, foi retido por suas grandes dificuldades na leitura, na escrita e por seu comportamento agitado.

Mário foi transferido desta escola para uma escola projeto, que por motivos familiares haveria a necessidade de inseri-lo nesta escola para não ficar na rua e se relacionar com más companhias. Nesta escola projeto foi matriculado no 2º ano e está como ouvinte no 3º ano, pois, pelo seu comportamento agitado e agressivo, sendo uma classe mais calma favorecerá a sua adaptação.

Suas grandes dificuldades na leitura, na escrita e por apresentar um comportamento agitado eram decorrentes de um problema de visão, que sentado em frente da professora atual, ele não enxergava nada na lousa, causando desconforto e estimulando sua agitação e irritabilidade. Agora realiza atividades do 3º ano com plena facilidade e interesse, está rerepresentando como aluno apto e normal para o ciclo.

É impossível deixar de refletir e questionar. Como uma professora não percebeu tal problema? Quais seriam as causas que estavam levando esta criança a apresentar comportamentos anormais? O que posso fazer por ele? Como conhecer melhor sua família?...

Como se tornou um “problema” à solução é transferi-lo para outra escola? Porque este problema foi adiado por tanto tempo?

Mario foi totalmente ignorado como um ser que necessitava de mais atenção e auxílio. Foi mais fácil transformá-lo num problema e descartá-lo

“Cidadania” tem sido ultimamente a palavra-chave de todos os discursos, do político ao educacional. A intensidade do uso do termo é proporcional à dificuldade de convivência entre os seres humanos.

A prática das relações humanas continua marcada pela anticidadania e pelo conflito. É notório haver um colapso das velhas certezas e uma crise nas posições de sujeito tradicionalmente instituídas e aceitas socialmente.

Cidadania, no dicionário HOUAISS (2001, p. 714), é qualidade do cidadão, ou seja, do membro de um Estado, considerado sob o ponto de vista de seus deveres para com este Estado e também de seus direitos políticos. O termo tem sido usado ao longo da história de formas diversas, encaixando-se em vários contextos discursivos.

No discurso escolar, contudo, a proposta é educar para a cidadania. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997 a, p. 7), um dos documentos mais usados pelos professores/as do ensino fundamental, pelas próprias exigências dos programas dos cursos de licenciatura e dos cursos a que são submetidos.

Compreender a cidadania com participação social e política assim como o exercício de direito e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito”.

A escola contemporânea é repleta de documentos progressistas com leis libertadoras e renovadoras, mas a sua base continua arcaica. “A escola, como instituição social, não é um espaço neutro aos conflitos e disputas presentes na sociedade. A forma que ela assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente e transformações em que as tensões e conflitos sociais se refletem. Segundo (VEIGA NETO 1995, p 10), resume as críticas que lhe são feitas tanto por grupos convencionalmente chamados de direita como esquerda. Da direita vem acusação de que a escola não atende as necessidades da sociedade (o que, na maioria das vezes, significa necessidade dos setores produtivos e empresariais). Da esquerda vem à acusação de que a escola reproduz as desigualdades e injustiças sociais. Isto é mundial e é sentido de modo mais crucial quando se trata de escolas públicas da educação com um direito social”.

É lindo e emocionante discutir sobre respeito, valores e cidadania, mas discursos estes que se aplicam somente em crianças “normais”. Quantas crianças como Mário, “anormais” estão inseridas nas instituições denominadas escolas que são rotuladas como “crianças problemas” e não estão sendo respeitadas em suas essências de seres

humanos. Quais serão seus destinos sociais, culturais e econômicos? Diante dessa reflexão surge uma indagação sobre a inclusão, pois é mais um discurso lindo e maravilhoso. Será que as escolas, professores e gestores educacionais estão realmente preparados? A escola já possui um índice enorme de excluídos que não está sendo estudado como se deveria, por apresentarem distúrbios ou conflitos emocionais e psicológicos. Os documentos escolares insistem na máxima educação para a cidadania, sem levar em conta a historicidade e a ambivalência do termo. Professores/as e gestores/as devem romper antigos paradigmas e concepções ideológicas da escola para oferecer a seus/as alunos/as possibilidades verdadeiras de estabilidade psicológica e emocional, para serem capazes de conseguir adquirir e interiorizar conhecimentos científicos, específicos e sociais para se tornarem cidadãos conscientes, críticos, corajosos, transformadores e atuantes dentro de uma sociedade repleta de conflitos.

Para alcançarmos esses objetivos com nossos alunos/as, há necessidade de uma reflexão diária e profunda sobre nossa prática pedagógica, mesmo que tenhamos inúmeros obstáculos oferecidos por esta mesma sociedade.

A avaliação da aprendizagem tem a ver com a exclusão na medida em que utilizamos a avaliação como instrumento de dominação não só a dominação no sentido de verificar a aprendizagem de um conteúdo eleito pela cultura dominante, como também a apresentação da avaliação como instrumento de poder do professor para assegurar o silêncio, a ordem e o cumprimento de tarefas.

A escola que do valor ao acerto e rejeita o erro, é um pecado que deve ser corrigido, será mesmo? Na verdade o erro é grande aliado do professor, pois ele indica como o aluno está pensando, e quais são as dúvidas e o que precisa ser reforçado ou revisto, É uma trilha para alcançarmos o raciocínio da criança, como se elas estivessem nos dando pistas e o que estão precisando que façamos por elas, no processo ensino/aprendizagem.

Para elaborar os instrumentos de avaliação, o professor deve rever os objetivos de ensino que foram descritos no planejamento e a correção desses instrumentos devem contemplar os objetivos para que o processo seja justo. Por exemplo, quando um professor aplica um teste de ortografia, o seu objetivo é verificar o domínio da escrita que seus alunos possuem; logo, os erros na grafia das palavras devem ser assinalados e mensurados, se os erros na grafia aparecem em uma prova de história e tal objetivo não foi descrito anteriormente, cabe o professor assinalar esses erros, mas não retirar os

pontos do aluno por essa razão. Os objetivos são importantes e nos dizem o que devemos considerar na avaliação.

Agora é hora de pensarmos na estrutura de nossas aulas e na nossa forma de planejar. O planejamento não é um documento que deve ser engavetado. Alguns profissionais justificam a falta do planejamento em sua prática pela longa experiência profissional que possuem, mas correm o risco de estar cometendo erros por longos anos. O planejamento é um instrumento de reflexão do professor, é uma forma de acompanhar o processo de aprendizagem de seus alunos.

Quando o professor acredita na importância de sua intervenção para a promoção da aprendizagem e nega o espontaneísmo do conhecimento no aluno, ele tem no planejamento um documento do processo dessa construção. Planejar é uma atitude que se materializa em instrumentos escritos ao definir objetivos. O professor determina aonde quer chegar com seus alunos e em que prazo deve alcançar suas metas. É importante que os conteúdos se apresentem de maneira lógica, para que cada assunto ensinado tenha ligação com o anterior e com o posterior, formando uma corrente que leve a aprendizagens significativas, isto é, que façam sentidos e sejam funcionais. Ao definir os procedimentos, o professor estabelece os caminhos que ele utilizará para alcançar os objetivos traçados. Isto por que, a forma como os conteúdos são apresentados, contribua para que o conhecimento seja construído e faz muita diferença na qualidade da aprendizagem.

Não é possível que algumas aprendizagens se dêem por conta da imaginação de nossos alunos. O que o aluno experimenta ou visualiza é muito fácil para memorizar, para despertar o desejo de aprender, e, portanto estimular a aprendizagem. As experiências de aprendizagem não devem ter um fim em si mesmo, mas devem abrir portas para a construção de habilidades e competências que serão úteis no futuro para os alunos. É certo que nenhum de nós domina que futuro será esse, e quando um currículo termina de ser elaborado ou reestruturado ele já está defasado. Afinal, quando estruturamos um currículo ou planejamos uma aula, pensamos no que poderá ser útil ao aluno num futuro bastante distante, mas quando esse futuro chega, a sociedade não é mais a mesma e as necessidades dos indivíduos muito menores.

Pensar em habilidades significa pensar em comportamentos cognitivos, sociais, afetivos e psicomotores que são necessários aos indivíduos para aprender e os conteúdos são complementos adquiridos com a maturidade e a oportunidade a partir da interação social.

Quando planejamos, pensamos inevitavelmente no desenvolvimento que está por vir e consideramos as nossas ações do presente e do passado, e para intervir e promover a aprendizagem de maneira democrática, isto é, de forma que todos tenham acesso a ela, é preciso avaliar/planejar/avalia, analisando a totalidade da prática pedagógica.

Analisar e discutir o erro na aprendizagem, é essencial, faz parte do processo. Ninguém aprende sem errar. O erro e dúvidas dos alunos são considerados episódios significativos da ação educativa.

## 8. Família e Aprendizagem

O mundo mudou bastante neste século e, com ele, a família. Qual o conceito de família no mundo contemporâneo?

Analisando nossa sociedade, vamos encontrar diferentes modelos de família; avós que exercem sozinhas a função de mãe; pais desempregados desempenhando papéis maternos enquanto suas esposas trabalham e sustentam a família e, ainda mulheres que desempenham sozinhas, a tarefa de manter uma casa e educar os filhos. Curiosamente, essas modificações na família estão presentes em todas as classes sociais e de uma forma ou de outra, tais interferências vão surgir no contexto da escola.

É na família que a criança tem contato com as primeiras aprendizagens, as denominadas proto-aprendizagens. Para Jorge Visca, é nesse berço que ela também construirá seus valores.

Quando a criança ingressa na escola, é necessário que a família “autorize” a ida de seu filho para esse novo espaço, caso contrário a criança terá dificuldades de adaptação desde a sua entrada. Um exemplo é comum assistirmos a cenas no portão de escolas de Educação Infantil de choros e birras por parte de crianças muito pequenas, e quando as crianças entram na escola, sem ao menos olhar para trás, são os pais que choram no portão, sentem-se abandonados pelos filhos e enciumados quando estes começam a demonstrar carinho por seus professores. Esses sentimentos não estão no plano de nossa consciência, mas eles surgem nas relações e são demonstrados em algumas atitudes. É fundamental a participação dos pais na vida escolar dos filhos para a aprendizagem, e participar não significa estar todos os dias na escola ou ensinar as atividades de casa. Pais analfabetos podem participar da vida escolar de seus filhos organizando formas para que eles tenham momentos de estudos diários em casa, conversando sobre as dificuldades com os educadores.

Lembro-me da minha mãe me auxiliando no dever de casa, com pouco estudo fazia o que podia, pois tinha facilidade para fazer algumas continhas, e seu raciocínio era rápido. Que saudade!

A importância que cada família dá a escola e ao ato de estudar também influenciará bastante no comportamento das crianças frente ao estudo. O ato de estudar, por ser uma atividade artificial, inventada pelo homem, exige esforço pessoal e

disciplina para se transformar verdadeiramente em hábito. A família pode dizer ao seu filho se estudar é algo importante ou não.

A criança também pode apresentar algumas dificuldades de aprendizagem em virtude de um problema em seu contexto familiar e, nesse caso, a dificuldade na escola é apenas um sintoma de um problema maior. Na verdade a família precisa de cuidados e a criança é o ser eleito para denunciar o problema que nela existe. A criança pode apresentar dificuldades na escola porque dessa forma ela mantém a mãe ao seu lado para ajudar nos deveres de casa. É certo de nem a escola nem a família pode prescindir uma da outra. Ambas são co-autoras no processo de aprendizagem das crianças e jovens e possuem papéis muito específicos.

Durante o planejamento pedagógico ou durante a elaboração do projeto político pedagógico a escola pode definir o que ela deseja de seus familiares e os níveis de participação destes. Não faz sentido pedir a colaboração dos pais somente nas festividades, quando a principal razão desta relação é a educação dos alunos.

Ter a família como parceira do processo educativo de nossos alunos facilita o trabalho da escola e amplia a capacidade de participação dos pais na vida escolar dos filhos. Muitos pais se queixam que são chamados apenas para ajudar resolver problemas e dificilmente para receber elogios, e todos nós sabemos o poder reforçador de um elogio. A criança sente prazer em ampliar os seus vínculos com a escola quando percebe que seus pais são valorizados pelo contexto escolar. Uma boa sugestão hoje nas escolas do município, os pais são convidados a participar de palestras como, por exemplo, como ajudar seus filhos no dever de casa; pais que contam suas experiências profissionais, contar suas histórias do tempo antigo com isso ajuda os professores a ampliar o afeto de seus alunos pela aprendizagem.

Esses encontros acontecem mensalmente, pois educar um filho é uma das tarefas mais difíceis; os pais aprendem no processo, no decorrer do desenvolvimento dos filhos e o encontro com outros pais que esteja vivenciando a mesma situação, pode ajudar os componentes do grupo e encontrar soluções para diversos problemas.

Por isso acredito que as reuniões de pais podem assumir uma característica diferente da usual na maioria das escolas. Pode se tornar um momento de real participação dos pais na vida dos filhos a construir uma relação mais saudável com a aprendizagem deles.

Quanto mais os filhos crescem, mais os pais se afastam da escola, e isto muitas vezes acontece a pedido dos próprios filhos. Quando os filhos estão na Educação

Infantil, há uma proximidade muito grande dos pais com os professores e a existência de estreitos laços afetivos. Ao ingressar no Ensino Fundamental, especialmente no período da alfabetização, os filhos ainda podem contar com a presença dos pais na escola, mas quando chega à adolescência querem conquistar a liberdade. É normal que os filhos não se sintam à vontade ao serem levados até a porta da escola. No entanto, respeitar esse desejo dos filhos adolescentes não significa que os pais devam se afastar da vida escolar de seus filhos. Afinal eles pensam já ter condições de se cuidar de maneira independente, mas sabemos que apenas é fruto do sentimento fantasioso da adolescência.

*“... planejar é estabelecer compromissos e acordos mínimos, que levem ao fim do bloqueio criado nesta situação, se refere à construção de uma parceria que passa a substanciar o papel da família no desempenho escolar dos filhos e o papel da escola na construção de personalidades autônomas moralmente e intelectualmente falando”.*

*Bassedas (1996, p 35).*

*“a determinação conjunta em oferecer uma experiência construtiva, que torne a criança menor, tanto em relação aos conhecimentos escolares, quanto aos valores e princípios que nortearam a sua conduta...”.*

*Macedo (1996 p 13).*

Quanto à parceria, precisa ser entendida enquanto uma relação de cooperação, e quando se fala em cooperação, vale lembrar o conceito de Piaget expresso pelas palavras de Menin (1996 p 52): “cooperação para Piaget é cooperar com... é estabelecer trocas equilibradas com os outros, sejam essas trocas referentes a favores, em formações materiais e influências etc. é o mais apropriado”.

Na minha atuação como gestora de ensino, posso dizer que a participação da comunidade na escola evoluiu muito, tem sido muito boa e progressiva e tenho absoluta certeza que estamos no caminho certo para alcançar nossos objetivos que é o de unir cada vez mais a escola e a comunidade.

Alunos com pais desempregados, mães não letradas (analfabeta), pais de alunos que são separados enfim, com todos estes problemas que fazem parte de nosso cotidiano e na vida escolar eu pergunto: Estes pais conversam com seus filhos sobre sua vida escolar? Eles só irão até a escola se forem convocados por algum problema. Nós gestores temos o dever de aproximar esses pais da escola, pois automaticamente estarão

se aproximando de seus filhos e fazendo parte dela, pois conforme diz Ângela Fátima Soligo em sua vídeo-aula quando contava a história das professoras da cidade de Americana no projeto de trabalhar com os pais foi genial, pois os pais trazem consigo informações sobre o histórico de formação de suas crianças, o que é imprescindível para melhorar a relação com elas, ou seja, os pais podem não saber do currículo, mas sabem da vida, da realidade local, das necessidades e desejo das famílias, mas para isso temos que elevar a auto-estima desses pais, pois eles acreditam que não tem capacidade de somar nenhum valor perante a escola e isso limita a coragem de ele assumir-se como um sujeito participativo.

A escola atenta percebe que os pais, que são o primeiro elo com a comunidade, ficam retraídos frente à figura do professor ou diretor da escola, nas reuniões os pais têm medo de falar, justamente por este complexo de inferioridade que estes pais carentes têm para com o professor/diretor, veja o que um pai perguntou em uma reunião: - O que é que eu vou dizer sobre este (X) problema se vocês que são estudados não sabem o que fazer para resolver? Temos que mudar esta concepção, a escola precisa da família para que ela funcione bem, mas também é claro que este processo somente na teoria (no papel) não terá resultados palpáveis, tem que haver regras e muita seriedade neste projeto, para nortear esse propósito de aproximação escola/comunidade ou ficará mesmo somente no papel.

A escola deve oferecer um conjunto de atividades socializantes e formadoras de relações afetivas todo o dia, desta forma seduzindo as pessoas (comunidade) para o estado democrático de direito e que a comunidade perceba que a escola não é do “governo”, do “prefeito” e sim dela mesma, devendo a obrigação de zelar por ela.

Há necessidade de se construir uma relação de intervenção na própria instituição escolar, enquanto gestora procurei buscar uma proposta de aproximação entre escola e família.

O projeto é o plano de vôo da escola. Sem ele o desastre é inevitável. Escola sem projeto é como pessoas que não conseguem delinear o seu futuro e, portanto não podem lutar para concretizar seus sonhos.

O diretor e o coordenador fazem à elaboração, a implementação e avaliação do plano da escola um processo vivo e participante. Os membros da equipe, pais, mães e alunos têm um projeto comum: sabem para onde vão, por que é de que recursos precisam para chegar lá. A espaçonave escola tem uma direção, um rumo que foi definido coletivamente sob uma coordenação atuante e comprometida. Não há ninguém

“perdido no espaço” todos sabem a importância de seu papel para chegar ao destino escolhido.

Para que o projeto coletivo possa surgir e fortalecer é necessário preparo nas reuniões de planejamento no início do ano letivo. É o momento em que o gestor encontra-se com toda equipe escolar para chegar a um acordo sobre os pontos básicos como:

- Normas de conduta da escola;
- Expectativas em relação aos alunos;
- Condições e aparência física da escola e sala de aula;
- Utilização de materiais pedagógicos;
- Atividades complementares;
- Relação entre equipe e os estudantes.

As decisões tomadas neste momento são escritas e disseminadas juntas aos alunos e pais durante as primeiras semanas de aula. E, a cada quinze dias o diretor e o coordenador e a equipe docente utiliza o tempo para reunião pedagógica com o objetivo de avaliar até que ponto o trabalho está caminhando na direção proposta.

Gradativamente, o projeto da escola vai se consolidando através da análise contínua da situação, identificando pontos fracos e fortes decidindo como agir diante das dificuldades e questionando os resultados obtidos. O projeto cria vida, toda cultura da escola se modifica, o que influi na seriedade profissional dos educadores e no entusiasmo dos alunos. O diretor e o coordenador utilizam as horas de trabalho pedagógico para fazer reuniões por área, propostas pedagógicas e outros materiais são discutidos coletivamente. É possível decidir em conjunto as estratégias adequadas de ação, garantindo unidade e coerência, apesar das diversidades individuais.

Aos poucos, vai se construindo uma proposta pedagógica comum, que pode basear-se em diferentes filosofias de aprendizagem, mas busca sempre assegurar os alunos a pensar, a estabelecer relações, a comparar fatos e fenômenos, interpretar e problematizar. Os professores passam a “falar a mesma língua”. Tem a gostosa sensação de fazer parte do grupo onde o trabalho de um é reforçado pelo colega de outra área, ou do ano seguinte. O respeito mútuo entre os docentes e entre estes e a direção, num clima assim, só fazem aumentar.

Quando todos - professores, alunos, funcionários, pais - estão interessados em alcançar as metas definidas coletivamente e sabe o que fazer para atingi-las, a ansiedade diminui e diminuem também as possibilidades de “colisões”.

O diretor e coordenador estão sempre presentes, visíveis e envolvidos com tudo o que acontece na organização. Um acompanhante permanente das atividades implica em que se esteja o tempo todo corrigindo rumos, em busca de melhor qualidade e desempenho. E isto exige uma boa dose de inteligência emocional, ou seja, tato e empatia.

## **8.1 Pequenos indícios de um grande trabalho**

É possível perceber um clima favorável à aprendizagem e progresso de todos através de alguns sinais.

\* Cortesia para com todos - pais, alunos e pessoas da comunidade, são tratados com deferência por todos os funcionários, do diretor ao porteiro. Existe boa vontade em oferecer as informações e orientações solicitadas. A pessoa não tem medo de olhar e de sorrir umas para as outras.

\* Instalações limpas e bem utilizadas - não há vidros quebrados nem pichações. As carteiras sem condições de uso não ficam empilhadas em qualquer canto, mas são colocadas em um depósito e em seguida consertadas. Jardins e plantas estão cuidados. À hora do recreio é animado, porém as regras básicas de convivência e civilidade são respeitadas e é impossível, por exemplo, encontrar lanches jogados no chão ou dentro dos vasos sanitários. Os banheiros são limpos e cuidados.

\* Salas de aula e pátio - Ambientes de aprendizagem. As salas de aula têm as paredes recobertas por mapas e cartazes, livros e materiais pedagógicos estão disponíveis a todos os alunos. As posições das carteiras não são sempre a mesma: muda de acordo com o tipo de atividade que está sendo desenvolvida naquele momento. No pátio e corredores existem murais com exposições rotativas e dos trabalhos dos estudantes ou jornais por ele mesmo elaborados. Criamos um ambiente organizado e ao mesmo tempo alegre e dinâmico, o que certamente contribui para estimular a aprendizagem, além de favorecer uma convivência social harmônica e respeitosa.

## **8.2 A integração com a comunidade**

Os pais devem ter a oportunidade de participar das decisões sobre as grandes metas da escola ou de ser informados sobre elas. Pais e mães precisam saber como

funciona a escola, suas normas e o papel de cada profissional que ali trabalha. E o que é o mais importante, deve saber que todos têm o mesmo objetivo: fazer que os alunos aprendam e progridam continuamente, durante os nove anos do ensino fundamental

### **8.3 Retirar as barreiras à participação**

Promover a participação dos pais na escola, especialmente dos mais pobres, não é tarefa fácil. Além de trabalharem no mínimo oito horas por dia eles também gastam muito tempo em transporte. Se as reuniões acontecem no período diurno, impossibilita a participação da maioria. Para os pais de baixa escolaridade, a escola é um universo estranho do qual não conhecem as regras, a dinâmica e a estrutura - é onde fica muito pouco a vontade. Para aproximar o pai da escola e da direção é preciso tomar duas providências: Acertar com a família um horário de reunião que seja compatível com o horário de trabalho e, ao mesmo tempo familiarizar os pais com o ambiente escolar, apresentando para eles a escola, seu espaço físico, os materiais pedagógicos disponíveis e os profissionais que ali atuam.

### **8.4 Mudar os esquemas das reuniões de Pais e Mestres**

Todo bimestre os pais são chamados à escola para receber dos professores informações sobre o aproveitamento escolar de seus filhos. Em geral estas reuniões são formais e às vezes até mesmo constrangedoras. Os pais sentam-se enfileirados, nas carteiras das crianças em uma ansiosa expectativa pelos resultados das avaliações. A professora distribui o boletim ou fichas de desempenho e começa a tortura daqueles cujos filhos foram mal nas provas ou tiveram problemas de disciplina. Um rol de reclamações é desfiado diante de pais perplexos e humilhados. O resultado destas frustrantes reuniões é que os pais dos alunos considerados “difíceis” - justamente os que necessitam de uma orientação, de um apoio - deixam de comparecer. Para evitar este desastre o diretor deve preparar a pauta da reunião de pais com a equipe docente. O diretor e o coordenador devem levantar com os professores alguns pontos básicos a serem considerados:

- Explicar aos pais os métodos que serão utilizados e os objetivos educacionais que serão perseguidos durante o período. Colocar as expectativas quanto ao comportamento na classe e na aprendizagem de seus filhos.
- Nunca apresentar o problema de um aluno se não puder, ao mesmo tempo, oferecer a sugestão de uma atitude que possa ser efetivamente tomada pela família em casa para superá-lo. Suponhamos que o professor avalie que a maioria dos alunos não possui hábitos de estudo. Não basta comunicar isto aos pais. É preciso orientá-los sobre como ajudá-los nas lições de casa.
- Situar o aproveitamento do aluno no contexto do aproveitamento da classe. Em vez de focar o desempenho individual dos alunos, comentar o desempenho da classe como um todo nas diferentes disciplinas.
- Deixar claro as providências que serão tomadas. Mesmo quando são poucos os alunos que ficam abaixo da média, o professor não pode apenas constatar fatos. Ele precisa dizer que medida irá tomar para recuperar estes alunos e fazer com que eles superem suas dificuldades.
- Nunca fazer observações negativas sobre a pessoa do aluno. Qualquer crítica ao seu comportamento deve ser dirigida ao que ele fez sem entrar em considerações sobre o que ele é. Afirmativas positivas, encorajadoras, acabam funcionando como profecias que se alto realiza.
- Ouvir o que os pais têm a dizer. Afinal eles são fontes preciosas de informações sobre o aluno. Ao mesmo tempo a reunião bimestral é uma oportunidade para os representantes dos pais APM e Conselho e os alunos do Grêmio possam passar informações sobre a escola e recolher sugestões.

O conselho por sua vez, pode ser chamado a decidirem momentos importantes, como a implementação da organização da escola e da escolha do professor coordenador. A direção deve apoiar os pais para que, através de seus representantes na APM e no Conselho, estejam presentes no processo de decisão sobre o uso de verbas e sobre outros assuntos de interesse geral.

## 9. Considerações Finais

Como gestora tenho longa trajetória nesse âmbito de aprender/ensinar, e o grande desafio é conviver com as diferenças e diversidades de opiniões e pontos de vista.

Apesar da especificidade cada escola possui vínculos institucionais com um determinado sistema escolar, ou seja, sua autonomia deve ser entendida de forma relacional, dentro de um contexto de “interdependências”.

Segundo o autor Barroso (1998 p 16), relata que “a autonomia é um conceito que exprime sempre certo grau de realidade, somos mais ou menos autônomos, podemos ser autônomos em relação a umas coisas e não ser em relação a outras. A autonomia é, por isso, uma maneira de gerir e orientar as diversas dependências em que os indivíduos e os grupos se encontram no seu meio biológico ou social, de acordo com suas próprias leis”.

Enquanto gestora não vou desistir nunca dos meus objetivos, tenho que estar sempre em busca de novos caminhos para solucionar problemas em relação a integridade social, temos que ser como especialistas, questionando e investigando o aluno para levantamento de hipóteses corretas e obter respostas, fazendo com que os alunos vivam em normalidade e sintam um ambiente seguro dentro da escola.

O aluno precisa aprender a andar, a conversar, a criar relações humanas, mas eles não irão aprender sozinha uma questão que é muito complexa e para qual não foram previstas boas intervenções e oferecidas situações que lhes auxiliassem aprender o que necessitam. Porém raramente se percebe a preocupação das instituições escolares com esta aprendizagem, sendo que seus esforços nesta área estão mais voltados para a contenção do que para a aprendizagem. Entretanto todo o projeto que tenha por finalidade educar para a autonomia deve conceder um lugar relevante às relações interpessoais. A escola deve oferecer um conjunto de atividades socializantes e formadoras de relações afetivas durante todo o dia. O objetivo é seduzir as pessoas para o estado democrático de direito, e não seduzir com discursos teóricos. O projeto pedagógico na autonomia construída deve permitir aos professores, alunos, coordenadores e diretores estabelecerem uma comunicação dialógica para propiciar a

criação de estruturas metodológicas mais flexíveis para reinventar sempre que for preciso.

A escola precisa da participação da comunidade como usuária consciente deste serviço, não apenas para servir como instrumento de controle em suas dependências físicas. Trata-se de “romper” com os muros da escola.

A participação de todos os envolvidos no dia-a-dia da escola nas decisões sobre seus rumos garante a produção de um planejamento no qual estejam contemplados os diferentes olhares da realidade escolar, possibilitando assim a criação de vínculos entre pais, alunos, professores, funcionários e especialistas. A presença do debate democrático possibilita a produção de critérios coletivos na orientação do processo de planejamento que por sua vez, incorpora significados comuns aos diferentes agentes educacionais, colaborando com a identificação destes com o trabalho desenvolvido na escola.

Em geral, encontram-se duas grandes concepções sobre conflitos interpessoais entre os educadores. Em uma visão tradicional, os conflitos são vistos como sendo negativos, assim os esforços dos adultos são direcionados para evitá-los ou para que sejam resolvidos rapidamente; os educadores utilizam mecanismos de controle que “funcionam” temporariamente, porém reforçam a heteronomia, tais como; ameaçar, punir, recompensar; associar a obediência à regra ao temor da autoridade, ao medo da punição, da censura, e da perda de afeto. Esses educadores acreditam que os conflitos não fazem parte do “currículo” e de seu trabalho como professor. Já para o professor que possui uma perspectiva construtiva, os conflitos são compreendidos como naturais em qualquer relação e necessários ao desenvolvimento; são vistos como oportunidades para que os valores e as regras sejam trabalhados oferecendo “pistas” sobre o que precisam aprender; por conseguinte, suas intervenções não enfatizam a resolução do conflito em si, o produto, mas sim, o processo, ou seja, a forma com que os problemas serão enfrentados. Os educadores que possuem esta concepção acreditam que os conflitos interpessoais fazem parte do “currículo” tanto quanto aos outros conteúdos que devem ser trabalhados.

Selman elaborou os níveis de “Entendimento Interpessoal” que envolve as estratégias de negociação empregadas pelo sujeito em diferentes idades ao interagir numa situação em que há conflitos entre eles (interação em desequilíbrio). Esses níveis mostram a evolução dos procedimentos empregados pelos jovens ao lidarem com suas desavenças e envolvem uma combinação de fatores cognitivos, afetivos e situacionais.

Mostram o desenvolvimento do entendimento interpessoal, ou seja, o desenvolvimento da capacidade de compreender a perspectiva do outro e coordená-la com a própria opinião.

Enfim, ao final deste curso chego à conclusão de que, não somente mudei minha postura como gestora, como também meu olhar sobre a educação. Foram muitas contribuições, as trocas de experiências no fórum de discussão, muitos conhecimentos foram adquiridos.

Nesses 18 meses, tenho consciência que aprendi muito, tive professores maravilhosos que me ensinaram a ter outros olhares, a quebrar paradigmas que só me fazem melhorar minha vida profissional.

Procuo levar para dentro da escola toda aprendizagem adquirida nos debates, nas experiências trocadas e nos textos lidos.

E para refletir deixo uma história que diz respeito da relação educador/educando:

### O frio pode ser Quente

As coisas têm muitos jeitos de ser  
Depende do jeito que a gente vê  
O cumprido pode ser curto e o pouco pode ser muito  
O manso pode ser bravo e o escuro pode ser claro  
O fino pode ser redondo e o doce pode ser amargo  
O quente pode ser frio e o que parece um mar  
Também pode ser um rio  
Por que será que numa noite a lua é tão pequena e fininha e outra noite ela fica tão redonda e gordinha para ficar de novo daquele jeito estreitinha?  
Depende do que?  
Depende do dia que a gente vê  
Que comprido que é o rabo de uma vaca, mas se uma mosca sentar lá em cima do focinho não adianta nem tentar  
O rabo fica curtinho e só dá para abanar até o meio do caminho  
Quem já se queimou num pedaço de gelo e sentiu muito frio depois de um banho quente  
Não pode se espantar do frio poder queimar e o quente também esfriar  
Uma árvore é tão grande se a gente olha lá pra cima  
Mas do alto de uma montanha ela parece tão pequenina  
Grande ou pequena depende do que? Depende de onde a gente vê  
O domingo é tão curto os outros dias duram tanto  
Nas horas eles são iguais  
A diferença deve estar naquilo que a gente faz  
O amanhã de ontem é hoje o hoje é o ontem de amanhã  
Dentro desta complicação quem tem uma explicação  
Dá até para perguntar se o amanhã nunca chega  
E também para pensar hoje, ontem, amanhã depende do que?  
Depende do jeito que a gente vê

Como pode uma colher cheia de doce parecer tão pouquinho que não dá nem para sentir?

E cheia de remédio ficar, tanto que não dá nem para engolir?

O pouco pode ser muito

O quente pode ser frio

Será que tudo está no meio e não existe só o bonito ou só o feio?

O comprido pode ser curto o fino pode ser redondo

Parece mesmo que no fim o bom pode ser ruim e nesse caso por que não o ruim pode ser bom?

Curto e comprido, bom e ruim, vazio e cheio, bonito e feio

São os jeitos das coisas serem, depende do jeito que a gente vê.

Ver de um jeito agora e de outro depois

Ou melhor, ainda, ver na mesma hora os dois.

Jandira Mansur – Editora Ática

## Referências Bibliográficas

ALKIN, M.C. Stecher, 1972, Segunda edição revista e ampliada Volume III pág. 98

**Estudo, Pensamento e Criação** FE/Unicamp 2007

ALMEIDA, M. I As Ações Organizacionais e Pedagógicas do Sistema de Inclusão. I: Rosa, D.E.G; SOUZA,V.C.(Orgs). **Política organizativa e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARBOSA, L.M.S **A Psicopedagogia no âmbito da instituição**. Curitiba: Expoente, 2001

BARROSO, J. **O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da Gestão Escolar em Portugal**. IN: FERREIRA, N (ORG) **Gestão Democrática da Educação: Atuais Tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 1998 p. 11-32.

BASSEDAS, E, et.al **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BALZAN, Newton C. Vídeo-aula da disciplina Planejamento e Avaliação.

BRASIL Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997

DA SILVA, Tomaz Tadeu. O projeto educacional da “nova” direita e a retórica da qualidade total. In: **Universidade e sociedade, Revista da ANDES**. Ano VI Nº. 10, Jan. 1996, São Paulo.

HERNANDES, F. **Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1984.

MACEDO, L. Apresentação In: ALTHUON, B ESSLE, C, ; STOEBER, I.S. **Reunião de Pais, sofrimento ou prazer?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MAMEDE, M.A. **O fracasso escolar e a busca de soluções alternativas**. Petrópolis: Vozes, 1993

MENIN, M. S.S. **Desenvolvimento Moral: Refletindo com Pais e Professores**. In Lino de Macedo(org.) **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

PIAGET, J. **O julgamento moral da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

**Revista Nova Escola**. Ano XXIII nº. 209. Jan/Fev. 2008. Editora Abril

VEIGA NETO, Alfredo. **Currículo e Interdisciplinaridade, in Currículo: Questões Atuais** Campinas, Papirus, 1997.

VISCA, J. **clinica psicopedagógica e epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

WAJNSZTEJN, Alessandra C. e Rubens WAJNSZTEJN, **Dificuldades Escolares: Um desafio superável**. Artemis Editorial, 2005.

ZABALA, A.V Enfoque **globalizador Y pensamiento completo**: uma respiesta para cumpreension e intervencion em la realidad. Barcelona: Grão, 1999.

**Estudo, Pensamento e Criação. Volume I, II e III.** FE/Unicamp 2007.